



## Uma crônica da barbárie

*Sobre lutas e lágrimas: uma biografia de 2018,*  
de Mário Magalhães

Rodrigo Jorge Ribeiro Neves\*

“um tempo que exige indignação”

Mário Magalhães

Walter Benjamin, na tese IX de seu ensaio “Sobre o conceito de história” (1940), analisa um dos quadros mais instigantes de Paul Klee, o *Angelus Novus* (1920). Segundo o filósofo alemão, a figura alada de Klee, com seu rosto voltado para o passado, seria como “o anjo da história”. Enquanto enxergamos “uma cadeia de eventos”, “ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés” (Benjamin: 2005, 87). De costas para o futuro e impelido por uma tempestade, não consegue fechar as asas, para que possa “despertar os mortos e juntar os destroços”. Se, para Benjamin, “o que nós chamamos de progresso é essa tempestade”, talvez o que chamamos de democracia sejam essas asas.

Essa foi uma das primeiras imagens que me ocorreu ao terminar o livro do escritor e jornalista Mário Magalhães, *Sobre lutas e lágrimas: uma biografia de 2018*, que apresenta ainda uma espécie de

\* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é pós-doutorando no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).

segundo subtítulo em sua contracapa e abaixo do primeiro subtítulo, em fonte menor, na folha de rosto: “o ano em que o Brasil flertou com o apocalipse”. O que, em um primeiro momento, pode parecer apenas impasse editorial na definição do título reflete, na verdade, o intrincado substrato com o qual o escritor se ocupa na concepção da biografia. Em uma estratégia paratextual para encontrar a síntese de um dos anos mais conturbados do Brasil pós-redemocratização, Mário nos oferece multifacetadas perspectivas de uma realidade ainda difícil de apreender.

Embora o ano de 2018 possa ser evocado nas memórias de qualquer indivíduo que estivesse um pouco atento ao país, alguns eventos inevitavelmente nos escapam, seja pelo volume implacável de informações, seja pelo escoamento desses tempos líquidos baumanianos, o que nos leva a fazer escolhas e aproximações do que julgamos relevante para compreender o panorama geral. Afinal, qual seria a relação do extermínio de macacos-prego motivado pelos boatos de que eram os transmissores do surto da febre amarela com a prisão do ex-presidente Lula? Ou das quedas histriônicas do jogador Neymar Jr. nos jogos da Copa do Mundo na Rússia com o incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro? Ou ainda a greve dos caminhoneiros em todo o território nacional com a suposta existência do plano URSAL (União das Repúblicas Socialistas da América Latina)? Mas são justamente estes e outros acontecimentos que servem de matéria-prima a Mário Magalhães para elaborar o perfil do biografado.

Em um primeiro momento, pode causar espécie ao leitor o gênero atribuído pelo autor a *Sobre lutas e lágrimas*. Como seria possível a biografia sobre um ano, mera convenção de registro do tempo? No entanto, Mário Magalhães não é nenhum iniciante na empreitada. Em 2012, publicou a biografia *Marighella: o guerrilheiro*

*que incendiou o mundo*, em que reconstitui a vida de uma das figuras mais emblemáticas da luta contra a ditadura civil-militar no Brasil, que acaba de ganhar uma adaptação cinematográfica por Wagner Moura. Escrito com prosa envolvente e um volume notável de informações documentadas, o livro sobre Carlos Marighella já coloca Mário Magalhães na galeria dos nossos grandes biógrafos. No momento, dedica-se a biografar Carlos Lacerda, um dos personagens mais controversos da história da nossa República.

Não é a primeira vez que os campos do jornalismo e da literatura se articulam para lidar com eventos de tal complexidade, consequências de condições orgânicas que traçaram os rumos da sociedade em determinado momento histórico. Em 1989, Zuenir Ventura retratou o ano de 1968 em obra que se tornou referência. Com o subtítulo “o ano que não terminou”, Ventura confere àquele período específico um estatuto que ultrapassa os limites do registro convencional do tempo, a partir de figuras e situações representativas. Um “ano-personagem”, como ele o define. A continuidade anunciada no subtítulo do livro não é apenas licença poética, mas uma tentativa de resgatar os fios soltos dos acontecimentos aparentemente desconectados e compreendê-los como elementos de um retrato em permanente transformação. Afinal, como nos lembra Antonio Candido (2018), “o tempo é o tecido da nossa vida”.

Assim, Mário Magalhães enreda a tessitura narrativa de “um ano que tão cedo não vai terminar”. Apesar do tributo à obra de Zuenir Ventura no título de sua introdução e na cena de abertura do livro, com o *réveillon* romântico entre o casal Marielle Franco e Mônica Benício, Mário se expõe a um desafio ainda maior ao se confrontar com seu “ano-personagem” ainda recém-nascido, dando seus primeiros passos e balbuciando suas primeiras palavras, pois os

relatos que compõem o livro “foram escritos a quente, no olho do torvelinho. Com periodicidade quase sempre semanal, discorrem sobre os acontecimentos que nos abalaram logo que sucediam” (2019, 17).

*Sobre lutas e lágrimas* compõe-se de 43 capítulos. A maioria deles partiu de artigos publicados inicialmente no jornal on-line *The Intercept Brasil*. Apenas oito são inéditos. Segundo Mário, os textos combinam, além do ensaio, os gêneros jornalísticos do artigo, da crônica e da reportagem. Nessa mistura, os textos acabam também tangenciando o conto em alguns momentos, tanto pelo domínio do escritor em construir estruturas narrativas que aproximam os relatos da narrativa curta quanto pelas situações narradas em si, que, mesmo atestada a referencialidade, nos soam absurdas e aparentemente possíveis apenas no universo ficcional. Ciente do impasse, Mário Magalhães escolhe como uma das epígrafes da biografia estes versos do poeta Antonio Carlos Secchin, do livro *Desdizer*: “O real é miragem consentida, engrenagem / da voragem, língua afiada da linguagem / contra o espaço que não peço. O real é / meu excesso”.

Miragem. Voragem. Vertigem. A democracia brasileira já desfalecia desde eventos anteriores ao ano passado, mas o momento mais dramático do colapso se concentra nos 12 meses em que se debruça Mário Magalhães em sua biografia, cujas entradas em cada um dos capítulos nos remetem a outro gênero, o diário íntimo. Não que o escritor se dedique à escrita confessional, apesar de admitir a ótica particular: “Conto o que testemunhei, vivi, senti e pensei” (2019, 18). Como jornalista e por adotar alguns gêneros dessa atividade na concepção dos capítulos, as datas, evidentemente, aparecem como um dos elementos compositivos desse tipo de texto. Com o cabeçalho em destaque após o respectivo título de cada capítulo, criamos uma expectativa de estarmos em terreno íntimo da escrita

diarística, que se dissipa ao longo da leitura. Contudo, as fronteiras entre os gêneros são tênues, bem como as perspectivas de cada leitor diante das estratégias narrativas do escritor.

Se, por um lado, acompanhamos a narração em terceira pessoa, com algum distanciamento crítico do narrador, por outro, compartilhamos com ele a inquietude, o assombro e a indignação diante dos eventos, já que são textos escritos “a quente”, “um livro indignado de um tempo que exige indignação”. Além disso, as esferas do público e do privado se deterioraram ainda mais, e o conceito de pós-verdade se incorporou nos meios de produção e transmissão de dados, atuando decisivamente nos resultados do principal pleito eleitoral do país. Nesse sentido, aponta Mário: “Quando mentira e verdade se confundem, não se reconhece nenhuma delas. O Brasil em transe relativizou até a verdade factual” (2019, 22). Ou, como diria uma banda de rock, na voz do poeta: “Pequenas poções de ilusão / Mentiras sinceras me interessam”.

No fio da lâmina, entre esses dois gumes da realidade, acompanhamos uma longa galeria de personagens, mas, segundo o escritor, três são os protagonistas do livro: Marielle Franco, Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva. Talvez possamos eleger mais um: a Internet, por meio das redes sociais e dos aplicativos de mensagem, um dos personagens mais decisivos nos rumos que o ano de 2018 tomou. Difícil dizer em que grau sua atuação ofuscou a performance dos demais, mas sua presença interferiu de maneira efetiva nas vidas de todos e na estrutura da própria sociedade.

Logo no primeiro capítulo, “Sintomas da doença”, temos a narração de um dos episódios mais bárbaros de 2018, influenciado pela propagação de boatos pelas redes sociais: “Centenas de animais apareceram esfaqueados, apedrejados, queimados, envenenados,

alvejados por espingardas de chumbinho e espancados com paus e ferros. Todos mortos” (2019, 44). O extermínio fora praticado por indivíduos que acreditavam que os macacos eram os transmissores da febre amarela, que causou a morte de 483 pessoas entre julho de 2017 e julho de 2018, um salto de 229% em relação ao mesmo período imediatamente anterior, segundo dados trazidos pelo jornalista. Ocorre que os macacos eram igualmente vítimas do mesmo vírus que se alastrava entre a população brasileira. Passaram a ser vítimas também da bestialidade e ignorância dos seres racionais.

No mesmo período, canais de vídeos no YouTube divulgavam informações de que as vacinas eram tão letais quanto a doença, ou que pessoas saudáveis nunca contrairiam o vírus. Uma horda de milhões de internautas endossou com seus *likes* esses surtos virtuais, como se estivéssemos em uma reedição da Revolta da Vacina. De acordo com Mário, os “sintomas da febre amarela se manifestam de três a seis dias depois da infecção. Vêm febre, calafrios, fadiga, dores no corpo. Brutalidade e ignorância [...] são sintomas de outros distúrbios” (2019, 47).

As redes e aplicativos de mensagem aparecem em quase todos os capítulos, mas é no capítulo 32, “Tsunami eleitoral”, de 10 de outubro, quarta-feira, que eles assumem um protagonismo sem precedentes nos rumos da nossa democracia. Nos EUA, contribuíram para a eleição do republicano Donald J. Trump como presidente, tendo importante ajuda de um estrategista habilidoso e com um projeto ideológico muito bem definido, o ultradireitista norte-americano Steve Bannon. Não foi por acaso o encontro deste com um dos filhos de Jair Bolsonaro, como ressalta a biografia. A experiência com a Cambridge Analytica e a violação de dados de milhões de usuários no Facebook revelaram-se bem-sucedidas. Se

funcionou na maior potência do Ocidente, por que não funcionaria no principal país da América Latina?

A atividade crescente de *bots* e perfis *fake* em redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter pode ter alcançado êxito na disseminação de muitas notícias difamatórias, mas, para Mário, todos juntos não tiveram o mesmo alcance do WhatsApp. Além de o percentual elevado de eleitores do capitão reformado se informarem por este aplicativo, ele “restringe controles sobre o seu tráfego. Preserva o anonimato, obsta o rastreamento de boatos e armações. Dificulta a difusão de informações pelo jornalismo profissional. Grupos de ‘Zap’ persuadem e fazem cabeças. Neles, é mais fácil uma mentira enredar mais incautos” (2019, 305).

O coletivo francês Tiqqun, em 2001, já nos alertava da configuração desse mecanismo. Para ele, o “poder cibernético” gerencia o vivo como informação, como dado: “O sistema de comunicação será o sistema nervoso das sociedades, a fonte e o destino de todo poder. *A hipótese cibernética enuncia, assim, nem mais nem menos, a política do ‘fim do político’*. Representa tanto um paradigma quanto uma técnica de governo”<sup>1</sup> (Tiqqun: 2001, 234-5; tradução minha).

O assassinato de Marielle Franco, em 14 de março (capítulo 7), a prisão de Lula, em 7 de abril (capítulo 10) e o resultado do segundo turno das eleições presidenciais, em 28 de outubro, que deu vitória a Jair Bolsonaro (capítulo 35), tiveram consequências que reverberam até os dias atuais e ainda persistirão por longo período, como bem destaca o livro. A mobilização das redes sociais em cada

<sup>1</sup> No original: “Le système de communication sera le système nerveux des sociétés, la source et la destination de tout pouvoir. *L’hypothèse cybernétique énonce ainsi, ni plus ni moins, la politique de la ‘fin du politique’*. Elle représente à la fois un paradigme et une technique de gouvernement”.

um dos eventos não atua de maneira isolada, pois, de certa forma, a ruptura civilizacional ocorrida desde o primeiro capítulo, com a execução bestial dos primatas, não era apenas um fato isolado, mas os sintomas de uma sociedade que não se enxergava mais no espelho e se agarrou a uma espécie qualquer de rosto. Por isso, mais do que Jair Bolsonaro, é o chamado bolsonarismo o que vemos sendo gestado ao longo do ano, se retroalimentando do antipetismo e outros fantasmas vermelhos.

Mário Magalhães destrincha com precisão ficcionista, mais do que cirúrgica, os elementos que foram dando corpo ao bolsonarismo, através da concatenação de dados referenciais e de um olhar agudo sobre os fatos, costurados por recursos ficcionais na construção de histórias, que o escritor realiza com grande eficiência. Desde a benção dos militares ao “mau militar”, nas palavras de um ex-presidente da ditadura, Ernesto Geisel, até a composição do corpo ministerial do seu governo, Jair Bolsonaro tem a sua ascensão reconstituída por Mário Magalhães a partir de episódios decisivos na consolidação do bolsonarismo. Acompanhamos uma trajetória que substancializa sentimentos difusos de uma parte da sociedade brasileira que saiu às ruas em junho de 2013, elegendo, por meio das regras democráticas, o candidato que reiteradamente se colocava contra elas. Eis um dos paradoxos da democracia.

Como no poema “Notícias da cidade sitiada”, de Zbigniew Herbert, Mário assume uma tarefa difícil ao relatar, com rigor e alguma angústia, o prelúdio de uma devastação em todos os níveis diante dos seus olhos. No lugar do desespero, porém, impõem-se com força as interrogações da primeira epígrafe do livro, extraída de *Hibisco roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie, último livro que Marielle Franco leu antes de ser assassinada: “E quando é que nós

vamos protestar, é? Quando os soldados virarem professores e os alunos tiverem de ir às aulas com armas apontadas para a cabeça? Quando nós vamos protestar?”

## Referências

- BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: LÖWY, Michael. *Aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant [tradução das teses], Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.
- CANDIDO, Antonio. “Palestra na inauguração da biblioteca [da Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST]”. São Paulo: Centro Sérgio Buarque de Holanda de Documentação e História Política, Fundação Perseu Abramo, 24 jul. 2018. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/csbh/palestra-na-inauguracao-da-biblioteca-por-antonio-candido/>>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- MAGALHÃES, Mário. *Sobre lutas e lágrimas: uma biografia de 2018, o ano em que o Brasil flertou com o apocalipse*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- TIQQUN. “L’Hypothèse cybernétique”. In: *Tiqqun: organe de liaison au sein du Parti imaginaire – zone d’opacité offensive*. Paris: Les Belles-Lettres, 2001, pp. 223-339.